



# Pensar/Fazer: uma Antropologia da Performance<sup>1</sup>

FERREIRA, Francirosy Campos Barbosa<sup>2</sup>  
Universidade de São Paulo - USP

Para Regina Polo Müller

**Resumo:** Este artigo se propõe discutir a constituição da Antropologia da Performance como disciplina emergente na interface entre antropologia e o teatro, assim como, apresentar aspectos desenvolvidos na disciplina no IAR em 2009.

**Palavras-chave:** Antropologia da Performance, Antropologia, Artes.

**Abstract:** *This article aims to discuss the constitution of Anthropology of Performance as emerging discipline at the interface between anthropology and theater, as well as presenting issues in the discipline developed in IAR in 2009.*

**Keywords:** *Anthropology of Performance, Anthropology, Art.*

1.  
Agradeço a Cassiano Sydow Quilici e Matteo Bonfitto pelo convite para escrever este artigo para o primeiro número da Revista do PPGADC Conceição/Conception – IA – UNICAMP. Agradeço a leitura atenta de Kelen Pessuto e de Gabriel Campos Ferreira.

2.  
Antropóloga, docente do Departamento de Psicologia da FFCLRP. Coordenadora do GRACIAS – Grupo de Antropologia em Contextos Islâmicos e Árabes; Pesquisadora do NAPEDRA – Núcleo de Antropologia, Performance e Drama e do GRAVI – Grupo de Antropologia Visual. Email:franci@ffclrp.usp.br

Uma ruptura, segundo Schechner é uma situação que ameaça a estabilidade de uma unidade social - família, corporação, comunidade, nação... (2012, p.75).

Este artigo objetiva discorrer sobre os diálogos que a Antropologia vem promovendo com as Artes, quando se trata de uma das linhas da antropologia das formas expressivas<sup>3</sup>: a performance. Para tanto, cabe no primeiro plano contextualizar como a disciplina vem sendo constituída na antropologia, para em seguida, apresentar o terreno fértil que foi minha experiência docente no Instituto de Artes da Unicamp.

Não nos cabe analisar a antropologia enquanto ciência preocupada na discussão da alteridade/identidade e da reflexão a partir das diferenças culturais, sociais, etc. No entanto, cabe-nos a função de pensar a respeito da virada pós-moderna na década de 1980, que fez a disciplina (antropológica) repensar o seu modo de escrita, pesquisa e a própria autoridade etnográfica. É, sobretudo, a ruptura, com um modelo clássico de fazer antropologia, para constituição de outro modo de pensar/fazer; fazer/pensar diferente do qual estávamos acostumados. Este modelo pós-moderno teve como seus expoentes George Marcus, James Clifford (1986) entre outros.

Se a antropologia pós-moderna não se consolidou, podemos dizer que ela respingou em modos criativos que levaram a antropologia pós-moderna a outros caminhos, desvios, hoje talvez, mais refinados do ponto de vista epistemológicos e metodológicos, como a Antropologia Visual e Antropologia da Performance<sup>4</sup>. Foi na virada pós-moderna, que emergiu a “virada performativa” repensar não só os dramas sociais<sup>5</sup>, mas o corpo estético, as expressões estéticas de rituais, danças, movimentos, oralidade, vocalidade, estudos de narrativas e etnografias da fala. Todos esses elementos configuram diversas dissertações e teses na antropologia contemporânea.

Em meados da década de 1990 e início dos anos 2000, a antropologia brasileira começou a olhar diferentemente para as imagens e performances, não que isto já não vinha sendo feito, mas agora, o que poderiam ser trabalhos esparsos de alguns autores, passavam a ser trabalhos produzidos dentro de grupos criados com a emergência de se pensar esses campos<sup>6</sup>. É neste período que vemos emergir algumas linhas importantes que vão constituir o que o Departamento de Antropologia da USP chamou de Antropologia das Formas Expressivas na década de 2000, isto é, vinte anos depois desta virada pós-moderna. Essas linhas a qual me refiro constituem hoje a Antropologia Visual e Antropologia da Performance e outras, conforme já explicitarei.

3. Termo utilizado pelo Departamento de Antropologia da USP para definir a área que compreende pesquisas em Imagem, Performance, Música e Literatura.

4. Em outro artigo exploro essas subáreas da antropologia em parceria com a psicanálise winnicotiana. Por uma antropologia dos “diversos” saindo da invisibilidade: imagética, performática para um diálogo amplo com a (Etno) Psicologia. In: Revista SPAGESP, 2012.

5. Aqui me refiro às fases propostas por Victor Turner (ruptura, crise, ação reparadora e reintegração ou separação).

6. O GRAVI – Grupo de Antropologia Visual foi fundado em 1995 e o NAPEDRA – Núcleo de Antropologia, Performance e Drama foi formado em 2001, grupos da Universidade de São Paulo. No Brasil temos mais três grupos de pesquisa no qual a performance é uma das linhas de Pesquisa: GESTO, coordenado pela professor Jean Langdon (UFSC); GIP Grupo de Imagem e Performance, coordenado por mim na USP de Ribeirão Preto; NAIP (Núcleo de Antropologia Imagem e Performance) <http://naipunesp.wordpress.com>, coordenado por Edgar Teodoro da Cunha, UNESP, Araraquara.

Em se tratando de Antropologia da Performance, tema deste artigo, podemos dizer que os dois grandes autores desta disciplina são Victor Turner e Richard Schechner, isto demonstra que a disciplina emerge no diálogo entre antropologia e teatro<sup>7</sup>. Victor Turner, antropólogo, da Escola Britânica de Antropologia e Richard Schechner, diretor de teatro da Universidade de Nova Iorque. As pesquisas de Turner sobre rituais e dramas sociais Ndembu nos anos 50 complementam, sobretudo, o pensamento de Schechner. Ao se conhecerem Turner faz sua aproximação ao teatro e Schechner sua aproximação à antropologia. Podemos dizer que a teoria de Turner vai do ritual ao teatro e de Schechner do teatro ao ritual.

7.  
Cf. (SILVA, 2005).

Interessante que embora insurgente da virada pós-moderna, a antropologia da performance considera os clássicos da antropologia como propulsores deste diálogo, como Emile Durkheim, Marcel Mauss, Victor Turner, Erving Goffman, Clifford Geertz, e Taussig etc. E é a performance ali, entre, ritual e teatro que emerge na antropologia, que se configura nas discussões e produções acadêmica [Cf. Dawsey (2005), Müller (2000, 2005), Silva (2005, 2012), Almeida Castro (2005, 2012), Ferreira (2007, 2009)]

Performance, um conceito que adquire formas variadas, cambiantes e híbridas, como diria Dawsey (2007, p 530). Correto mesmo é dizer que os antropólogos da performance não vivem só no campo das ideias (pensar), temos como bom exemplo, o trabalho empreendido por Regina Polo Müller ao coadunar por mais de duas décadas antropologia e arte. Em seu artigo: “Corpo e imagem em movimento: há uma alma neste corpo” (2000) Müller expõe a importância de se pensar os modelos de performances culturais ao analisar um ritual xamanístico do povo Asurini do Xingu.

Nessa experiência, conceitos como representação, imagem, substância vital foram ressignificados na performance corporal que expressa estes conteúdos, os mesmos que constituem as mensagens transmitidas e igualmente ressignificadas através do meio tecnológico de expressão da cultura do pesquisador.

Esta experiência intercultural proporcionou, portanto, reflexão antropológica sobre processos que envolvem transformação e continuidade cultural em sociedades indígenas, particularmente, processos de produção de sentido e de transmissão de noções de conhecimento que dão expressão à experiência vivida como reflexividade transformadora. Foram então investigados fenômenos que se conceituou como performances culturais, em particular os rituais, estruturas de experiência que integram aspectos cognitivos, afetivos e volitivos (MÜLLER, 2000, p. 193).

O repertório de Müller sempre foi de “fronteira” ao lidar com as técnicas específicas das artes corporais e etnologia indígena. Foi cotejando formas de emoldurar este corpo, revelando sentidos, estampando formas e cores que seu trabalho se aproximou ainda mais dos estudos de performance. O corpo, os rituais, as danças indígenas, vistos não só do ponto de vista da antropologia clássica, mas também da estética, da arte.

Em seus trabalhos atuais, ela não se limita apenas a produzir artigos científicos, mas a produzir arte: performances artísticas que mesclam o universo apreendido sejam na música, na dança, nas artes em geral. É uma antropóloga performer, uma performer-antropóloga. Podemos dizer neste caso, que o foco principal não é o significante do nome em si, e sim o significado do fazer. É o fazer, a ação que impera nas performances.

É possível produzir um conhecimento sistemático a respeito dos diversos gêneros de performances sociais, rituais e estéticas, elaborando instrumentos teóricos que se constituem com força a partir dos estudos de Victor Turner e Richard Schechner. Trata-se não apenas de repensar os usos de metáforas do teatro na Antropologia Social, mas também de desenvolver um conjunto de categorias de análise e procedimentos metodológicos capazes de produzir um conhecimento antropológico a respeito das variadas expressões de homens-performers, pesquisadores performers<sup>8</sup>. Sabe-se, portanto, conforme já estabelecidos por esses autores, que há muito entretenimento e crítica social em muitos rituais. Ressalta-se o modo como a Antropologia da Performance fornece um suporte teórico para o desenvolvimento unificado de um conjunto de linhas de investigação clássicas e de ponta: Antropologia do Corpo, Antropologia da Dança, Etnomusicologia, estudos sobre voz e narrativas orais, estudos sobre ritual, análises de movimentos sociais etc.

### *Entre-Atos: Uma Experiência Acadêmica*

Entre 2008 e 2010 fiz parte do quadro de professores do Instituto de Artes da Unicamp<sup>9</sup>. A ideia era fomentar a antropologia da performance, mas sobretudo fazer com que a antropologia continuasse como uma disciplina viva e provocativa na formação de atores, músicos, etc. Este desafio só foi possível pelo convite de Regina Müller, que queria fomentar ainda mais este diálogo tão profícuo para ambos. Como a antropologia poderia colaborar para um pensamento mais reflexivo das artes, e como as artes poderiam contribuir para um fazer etnográfico?

8. Como eu mesma venho pesquisando no projeto atual: Pesquisadoras Performers: olhando para o feminino no Islã. Pesquisa financiada pela FAPESP, que possibilitou a construção do site: antropologiaeislam.com.br Como eu mesma venho pesquisando no projeto atual: Pesquisadoras Performers: olhando para o feminino no Islã. Pesquisa financiada pela FAPESP, que possibilitou a construção do site: antropologiaeislam.com.br

9. Período em que fui Prodoc do IAR sob a supervisão da professora Regina Polo Müller a quem dedico este artigo, por gratidão de um caminho compartilhado e espelhado.

Como bem pontuou Marcus (2004, p.143):

A questão não é tornar a pesquisa de campo antropológica uma forma de teatro – mais do que já é – mas usar experiências e técnicas deste para reinventar os limites e as funções da pesquisa de campo em antropologia.

Veio então a proposta de ministrar a disciplina na pós que intitulei de Antropologia da Performance, no qual o foco era análise dos dramas sociais, rituais, e do comportamento restaurado (Schechner), etc. O termo performance conforme explicitiei aos meus alunos está dentro de um campo maior da antropologia da experiência, pois se recorre a elementos de expressão da experiência vivida: corpo, voz, gesto e sentidos.

Lembro-me que a primeira interrogação que vinha dos “atores” que faziam o curso era: o que é drama social? A ideia de drama para eles remetia à dramaturgia, e não aos conflitos e tensões propostos por Victor Turner. Levou-se um tempo até entenderem que não se tratava de dramaturgia, mas também poderia ser, por que não? O que é o drama se não os conflitos expressados esteticamente, por meio de gestos, vozes, corpos. A palavra drama vem do grego e significa ação, tanto o drama proposto por Turner, propõe uma ação, quanto o texto dramático feito para ser representado (ação). Outro conceito que suscitava questões, era o próprio termo Performance. Os atores estavam mais acostumados a ouvir o termo Performance Arte. O que faz, por exemplo, Marina Abramovic. Antropologia da Performance, traz o universo social para compreensão dos modos como os corpos são expressados, marcados, emoldurados.

No início a imensa curiosidade: A palavra Performance para mim, estava vinculada à Performance Arte, termo sem definição clara, mas que reúne diversas manifestações artísticas curiosas, instigantes e provocadoras. “Como essa disciplina vai reunir a performance à Antropologia?!”

Primeira aula “Kaspar Hauser”. E eu?????????????????????. Apenas compreendo que aquelas aulas guardavam algo mais profundo do que eu poderia supor.

O percurso: Leituras e compreensões se misturavam às experiências vividas pelos integrantes daquele núcleo de estudos - não éramos mais alunos, professores, atores, diretores, éramos seres humanos repensando nossa condição humana, artística, intelectual...

A partir dos estudos e das performances os pensamentos se cruzaram, se cortaram, costuraram, amarraram, desataram... enfim, geraram e destruíram conhecimentos... CATARSE MENTAL!!!!

(Depoimento enviado por Tania Alonso em 14.09.12 sobre as aulas ministradas na Unicamp em 2009)



Todas as fotos deste artigo foram feitas por Sabrina Sanfelise durante as apresentações dos Seminários da disciplina Antropologia da Performance. A performance apresentada por Tatiana Molero Giordano e Solano

O texto de Tania Alonso deixa em relevo o momento experimental que aquelas aulas representavam. Eram para a professora um aprender a fazer e para os alunos aprender a pensar. Longe da sala de aula ocupando a rua, lá vai o “liminóide” [categoria criada por Victor Turner (1982) para expressar ações culturais públicas]. A intervenção criativa da Arte, da Antropologia.

Enfim, acho que foi essa experiência que tentei mostrar ao realizar a performance da última quarta-feira. Essa emanção e fusão entre a imagem e aquilo que ela capta, a parte pelo todo - o todo pela parte. Pequenos fragmentos, estilhaços “latentes” de um grande espelho que não deixam de continuar refletindo o “todo”

(Depoimento de Sabrina Sanfelice, 7 de maio de 2009 ao enviar as fotos que fez durante o seminário).

A proposta foi então colocar aqueles jovens atores, músicos, cientistas sociais para mexerem o corpo e a mente... Os seminários viraram verdadeiras catarses<sup>10</sup>, purificação dos sentimentos, no qual o texto era o roteiro da cena a ser construída pelos grupos.

10. Trata-se de uma característica dramática segundo Aristóteles.

### *Considerações finais*

A suposta objetividade é uma miragem, seja na Ciência, seja na Arte Não é possível observar sem expectativas... afirma Caiuby Novaes (2010, p.51). O exercício da performance no contexto antropológico é ter expectativas de aproximação com o Outro, com o que não conhecemos, nos desafia o contato, a interação. O Fazer/Pensar no Instituto de Artes nos trouxe três dissertações orientadas por mim que revelam o quanto precisamos investir neste diálogo, seja dentro do IAR, seja em departamentos de antropologia e outros. Os trabalhos de Kelen Pessuto (2011), Bianca Tomassi (2011) e Tatiana Giordano (2012), revelam o diálogo entre cinema, arte e antropologia; entre Hip Hop, Arte, Islã; entre Corpo, Fundação Casa e Arte. Outros modos de fazer antropologia, outros modos de se fazer arte. Olhares atentos à estética do corpo, seja no cinema, seja na música, ou em lugares onde o corpo está restrito à lei e à ordem permitem-nos a ampliar o olhar.

A arte ocupa o nosso ser, pois é ocupado pelo pensar/fazer que também reflete em diferentes perspectivas antropológicas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ARISTÓTELES, HORÁCIO, LONGINO. **A Poética Clássica**. São Paulo: Editora Cultrix, s/d.

CAIUBY NOVAES, Sylvia. As artes da Antropologia. In: **Performance, Antropologia e Arte**. São Paulo: Editora Hucitec, 2010, p.50-60.

CLIFFORD, James & MARCUS, George. **Writing culture, the poetics and politics of ethnography**. Berkeley: University of California Press, 1986.

DAWSEY, John, C. Sismologia da performance: Ritual, drama e play na teoria antropológica. In **Revista de Antropologia**, São Paulo, USP, 2007, V. 50 N° 2, 527-570.

FERREIRA, Francirosy; MÜLLER, Regina, P. **Performance, Antropologia e Arte**. São Paulo: Editora Hucitec, 2010.

GIORDANO, T. M. **O Corpo e a CASA: etnografias de jovens infratores no contexto socioeducativo**. Dissertação de Mestrado IAR, Unicamp, Campinas, 2012.

MARCUS, George. O intercâmbio entre arte e antropologia: como a pesquisa de campo em artes cênicas pode informar a reinvenção da pesquisa de campo em antropologia. In: **REVISTA DE ANTROPOLOGIA, SÃO PAULO, USP**, 2004, V. 47 N° 1, p.133-158.

MÜLLER, Regina, P. “Mira, Chica...”. In: **54º CONGRESSO INTERNACIONAL DE AMERICANISTAS “Construindo diálogos nas Américas”**. Viena, Áustria, Julho 15-20, 2012. Simpósio 902 – Imagem e Sociedade: antropologia visual e mídia participativa nas Américas.

\_\_\_\_\_. Carmen Miranda e ritual indígena: experiências de pesquisa em Antropologia da Performance. In: FERREIRA, F.C.B. e MÜLLER, R.P.orgs., **Performance, Arte e Antropologia**. São Paulo: Hucitec, 2010, p. 74-96.

\_\_\_\_\_. Corpo e imagem em movimento: há uma alma neste corpo. In: **Revista de Antropologia**, vol.43 no.2. São Paulo, 2000, 165-193.

PESSUTO, Kelen. **O ‘espelho mágico’ do cinema iraniano: uma análise das performances dos “não” atores nos filmes de arte**. Dissertação de Mestrado, Instituto de Artes, Unicamp, Campinas, 2011.

SCHECHNER, Richard. (1985) **Between theater and anthropology**. Philadelphia: University of Philadelphia Press.

SCHECHNER, Richard. (2002) **Performance studies: an introduction**. London and New York: Routledge.

TOMASSI, Bianca, C. **“Assalamu Aleikum favela”: A performance islâmica no movimento Hip Hop das periferias do ABCD e de São Paulo**. Dissertação de Mestrado, IAR, Campinas, 2011.

TURNER, Victor. (1982) **From ritual to theatre: the human seriousness of play**. New York: PAJ Publications.

TURNER, Victor. (1985) "Foreword". In: SCHECHNER, Richard. **Between theater and anthropology**. Philadelphia: University of Philadelphia Press, p. xi-xii.

TURNER, Victor. (1986) "Dewey, Dilthey, and Drama: an essay in the anthropology of experience". In: TURNER, Victor, e BRUNER, Edward M., orgs. **The anthropology of experience**. Urbana e Chicago: University of Illinois Press, p. 33-44.